



O QUE É AVALIAR? OITO REFLEXÕES PARA UMA NOVA AVALIAÇÃO

TRABALHO INDIVIDUAL FINAL

CURSO C523A-13_14 – AVALIAÇÃO DAS
APRENDIZAGENS DOS ALUNOS – REFLETIR
SOBRE AS PRÁTICAS AVALIATIVAS

FORMANDA: SANDRA NUNES
FORMADOR: JOAQUIM MORGADO
ENTIDADE FORMADORA: CFAE MATOSINHOS

LOCAL: Matosinhos
DATA : 2014-08-12

Apresentação

O presente trabalho tem dois objetivos: por um lado, pretende ser um testemunho da reflexão que acompanhou as oito sessões do curso de formação sobre a avaliação das aprendizagens dos alunos e, por outro lado, pretende dar conta de um percurso de crescimento profissional pessoal com desejável impacto na prática avaliativa.

Desenvolvimento

1ª sessão – avaliar é... inevitável (e reflete a sociedade em que se inscreve).

O curso de formação teve início a 26 de março de 2014, a menos de um mês da comemoração dos 40 anos da Revolução dos Cravos. Tive a oportunidade de refletir, então, sobre a escola enquanto espelho do contexto político e social do nosso país. Será que a avaliação dos alunos mudou efetivamente com a revolução? O caráter contínuo e sistemático da avaliação, a finalidade, o objeto e o processo de avaliar dariam o mote para o primeiro debate, o desbravar do terreno para tornar os professores formandos mais autoconscientes das suas práticas avaliativas, logo, mais responsáveis.

2ª sessão – avaliar é... ajudar os estudantes a melhorar a sua performance (e por vezes “ordená-los num pódio”)

Avaliar, com que finalidade? A questão da 1ª sessão pairava no ar. A avaliação, na sua regulamentação atual, tem por finalidade prioritária a melhoria do ensino, expressão que é repetida nos diplomas legais: “melhorar o ensino” (Dec. Lei 139/2012, cap. III, artº 23 3; “promoção do sucesso escolar” (Despacho Normativo 24 A/2012, secção I, Art. 1º). Faz sentido, neste contexto, que a avaliação assuma uma feição predominantemente criterial, avaliando o aluno por referência aos critérios de avaliação definidos pelas escolas e às metas curriculares em vigor. A avaliação normativa, que tem por objetivos hierarquizar e selecionar os estudantes, não está, contudo, excluída.

3ª sessão – avaliar é... transformar o erro em oportunidade.

O que é a avaliação diagnóstica? O pressuposto de Ausubel¹ conduziu-nos a pensar a avaliação, não como meta, mas como ponto de partida. Norberto Boggino (2009) considera que a avaliação deve mesmo anteceder os conteúdos curriculares. A preponderância da avaliação diagnóstica requer que o professor se interesse mais pelo processo de aprendizagem do que pelos resultados. Implica uma visão da aprendizagem como “ressignificação” de saberes prévios. E distingue a avaliação, processo benéfico e inevitável, da classificação, inerente a uma “promoção” ou “despromoção” do aluno.

A avaliação diagnóstica pressupõe, ainda, uma ideia de continuidade dos saberes, algo que poderia ser estimulado pela criação de um “manual” de práticas de avaliação diagnóstica comum na Escola.

4ª sessão – avaliar é... diferente de classificar.

O Prof. António Padrão, formador convidado, apresentou as quatro conceções de avaliação propostas por Guba e Lincoln (1989). Destas saliento, pelo seu carácter vanguardista, a avaliação partilhada com os alunos, logo, predominantemente formativa e qualitativa. Concluimos que a avaliação, embora possa configurar uma medição, não se esgota nela, antes deve ajudar o aluno durante o processo de ensino-aprendizagem. Na sua tese de dissertação de Mestrado (2012), António Padrão equaciona os prós e contras de classificar atitudes e valores – já que é impossível não as avaliar. Novo debate, nova controvérsia...

5ª sessão – avaliar é... diversificar os meios de aprendizagem

A 5ª sessão incidiu sobre a avaliação formativa. Partindo da ideia da aprendizagem como movimento em espiral, ao invés de um simples armazenamento de noções e processos, e da avaliação como processo subjetivo, urge multiplicar os momentos, instrumentos e intervenientes da avaliação formativa. Segundo Domingos Fernandes e a sua equipa (1994), a avaliação formativa deve ser incorporada nos vários momentos do processo de ensino-aprendizagem como meio, não só, de avaliar os alunos, mas também, de adequar o ensino às necessidades de aprendizagem de cada um. Também Leonor Santos (2002) salienta esta vertente reguladora da avaliação preferindo à regulação externa, pelo professor, a autoavaliação regulada, na medida em que esta corresponsabiliza o aluno na construção do conhecimento.

¹ “O facto isolado mais importante na aprendizagem dos alunos é aquilo que eles já conhecem”

6ª sessão – avaliar é... clarificar as “regras do jogo”.

A transparência é uma das condições para uma avaliação justa. José Augusto Pacheco (2002) refere-se à avaliação como um jogo de que todos têm de conhecer as regras. Daqui decorre a importância de que os estudantes se *apropriem* dos critérios de avaliação (Carlos Cardoso, coord., 1994). Domingos Fernandes (1994) alerta para a falácia da objetividade na avaliação (“Não há instrumento de avaliação que dê uma imagem completa, nítida e definitiva da realidade”), um argumento convincente a favor da *avaliação formativa alternativa* (Domingos Fernandes, 2005), que acompanha a aprendizagem do aluno em vez de apenas se centrar nos resultados. Rosa Pereira de Melo e Helena Freitas (2006) destacam a importância do portfolio na criação de uma alternativa à forma tradicional de avaliar, por apresentar, em relação ao teste escrito, as vantagens da monitorização do processo e do contínuo feedback, que devem conduzir o aluno a uma ação para melhorar a sua aprendizagem.

7ª sessão – avaliar é... aplicar testes escritos bem construídos.

Reconhecer as fragilidades de um teste escrito: seria este o principal desafio da 7ª sessão. Face a este exercício prático, foi “desmascarada” a ilusão de que o teste escrito é “o” instrumento de avaliação por excelência. O teste é um espelho, mas muito enganador. Se não for bem elaborado e, sobretudo, se não houver formação do professor para aprender a construí-lo, refletirá a imagem, não do estádio de conhecimentos do aluno, mas apenas da incapacidade do professor.

8ª sessão – avaliar é... classificar e certificar.

Pierre Merle (2006) designa por “fetichismo da avaliação” a noção de que a nota “permite a estima dos pais”, é o “equivalente de um salário”, em suma, é vista como uma “alavanca psicológica e pedagógica muito poderosa”.

Se assim é, não deveriam os professores debater de forma mais profunda a fiabilidade das notas e esforçar-se por torná-las mais justas? Foi o que fizemos na última sessão da formação. A aplicação de uma fórmula à avaliação contínua suscitou polémica, concluindo-se que é mais facilmente aplicável a disciplinas cujo currículo é claramente cumulativo e na quais os testes são globalizantes.

Conclusão

Procurei isolar, em oito pontos, as respostas possíveis à questão – O que é avaliar?. Naturalmente, estas oito possibilidades não se excluem, antes se complementam. A sua fundamentação teórica inscreve-se na linha do construtivismo que perpassa por toda a bibliografia de referência. É este modo de estar na avaliação, mais reflexivo e antidogmático, que pode e deve provocar mudanças na prática avaliativa. Pela minha parte, pretendo começar por algo muito simples, como testar um instrumento de avaliação que nunca havia aplicado; ou corrigir os testes com a consciência de que sou influenciada por uma multitude de fatores (de que me apercebia, ou não). Mas o que de fundamental retirei do curso de formação foi a percepção de uma abordagem integradora da avaliação nas tarefas de sala de aula, algo que já procurava implementar, só que de modo intuitivo. Tive dificuldade em distinguir critérios de avaliação de indicadores, mas penso que o desafio está ganho. E foi bastante reconfortante ouvir a perspectiva de que a recolha de informação (diagnóstica, formativa) não tem de corresponder a uma classificação obsessiva, muito embora *seja para avaliação*.

Em História dizemos que as mentalidades são as estruturas mais perenes, mais resistentes à mudança. Mas quando se alteram, todas as revoluções são possíveis.